



“Histórias do Trabalho no Sul Global”

“Historias del Trabajo en el Sur Global”

“Labour Histories from the Global South”

I Seminário Internacional de História do Trabalho

V Jornada Nacional de História do Trabalho

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

25-28 de Outubro de 2010

O movimento operário brasileiro e a inspiração internacional (1870-1920)

Claudio H. M. Batalha¹

Em uma data imprecisa do ano de 1905 foi lançado o manifesto de Partido Operário Independente, com sede no subúrbio carioca de Cascadura, não fosse por algumas características muito particulares esse seria apenas mais um entre os incontáveis partidos operários lançados para desaparecer logo em seguida ao longo da Primeira República.² Entre essas características o fato de ser presidido por uma mulher Elisa Scheid, caso único no Brasil desse período (talvez por isso o texto impresso do manifesto vinha emoldurado de uma rica decoração floral pintada à mão). Outro aspecto que chama a atenção é que ao invés dos exemplos de franceses, alemães ou italianos que inspiravam outras organizações esse partido espelhava-se no exemplo do Independent Labour Party de Keir Hardie. É verdade que o conhecimento sobre a trajetória de Hardie e do ILP e a eleição do primeiro ao parlamento provinha, segundo o texto do manifesto, de um autor

¹ UNICAMP.

² Cf. *Arquivo Nacional : 150 anos (visão histórica)*. Rio de Janeiro: Index, 1988, p. 97.

francês, paradoxalmente anti-socialista, Yves Guyot, jornalista, político e economista liberal.³

No manifesto do POI a referência ao ILP e a Hardie serve de exemplo e de afirmação de uma orientação classista. Afinal a chegada de Hardie ao parlamento britânico, descrita por Guyot em passagem reproduzida no manifesto, ficou célebre pelo traje que o recém-eleito envergava e pelo boné que levava à cabeça, que reafirmavam orgulhosamente sua origem na classe trabalhadora e simbolizava aqueles que ele representava.

Quando pensamos a relação do movimento operário e suas organizações, tanto sindicais, quanto políticas com a dimensão internacional, o primeiro aspecto que salta aos olhos é a universalização de formas de luta e de tipo de organização. A universalização do capitalismo como modo de produção e das relações que ele engendra propiciou também a universalização das formas de estruturação do movimento operário. Se os contextos nacionais e regionais variaram consideravelmente e conseqüentemente o modo como o movimento operário respondeu a esses contextos, não se pode dizer que as formas organizativas tenham assumido um caráter específico na escala local, regional ou nacional. Outro aspecto “internacionalista” do movimento operário diz respeito às correntes ideológicas, certamente ocorrerá imediatamente ao leitor os exemplos do sindicalismo revolucionário, com suas práticas comuns, sua concepção da organização, sua articulação de lutas e organizações independente das fronteiras dos Estados nacionais; do anarquismo, pela universalização de seu ideário e pelo universalismo de seus fins; do comunismo, pela reprodução em escala mundial de um modelo de partido, sob a direção de um centro. Deveríamos, também, englobar o movimento operário católico e as organizações católicas que atuam no meio operário na mesma lógica dos exemplos anteriores, particularmente do comunismo, as mesmas organizações pelo mundo afora, obedecendo às mesmas diretrizes e respondendo a uma direção centralizada. Entretanto, o objetivo deste texto é justamente deixar de lado esses exemplos, que já foram estudados com maior (anarquismo e comunismo) ou menor (catolicismo) ênfase, para tentar demonstrar que as referências internacionais estão

³ O texto de Yves Guyot de onde provém a referência a Hardie é *Les conflits du travail et leurs solutions*. Paris: G. Charpentier/E. Fasquelle (col. “Etudes de Physiologie Sociale”, t. 5), 1903, pp. 34-5.

presentes de modo muito mais amplo na história do movimento operário, até mesmo nas suas manifestações sem uma evidente filiação a correntes internacionais.

Há, entretanto, situações a serem exploradas nas quais a existência de um movimento internacional estruturado não necessariamente estabelece ligações orgânicas com suas manifestações no contexto brasileiro. Esse é o caso da Internacional Operária e Socialista, formada em 1889 e, mais tarde, conhecida como Segunda Internacional, e a sua ausência de relação com os diversos partidos surgidos no Brasil que se identificavam com seu ideário. A única participação do Brasil na Internacional Socialista ocorreu em 1893, todavia de forma indireta, quando membros da *Allgemeiner Arbeiterverein* (Associação Geral dos Trabalhadores) de São Paulo redigiram um relatório sobre a situação brasileira, em nome comissão executiva nacional do Partido Operário Brasileiro, enviado ao Congresso Internacional Operário Socialista, reunido em Zurique (Suíça), em agosto daquele ano, e delegaram a representação brasileira no congresso a Wilhelm Liebknecht, dirigente do Partido Social-Democrata alemão (SPD na sigla em alemão), e ao socialista suíço e secretário do congresso, Robert Seidel.⁴ Três anos mais tarde, um segundo relatório foi enviado ao Congresso da Internacional Socialista realizado Londres, dessa vez assinado pela própria *Allgemeiner Arbeiterverein*.⁵

As referências internacionais estão presentes particularmente nos jornais endereçados aos operários e, por vezes, redigidos por eles, que constituíram, portanto, a principal fonte deste texto. É evidente, que aqueles que escrevem nesses jornais, constituem uma fração ínfima de militantes que dominam, com maior ou menor desenvoltura, os códigos da cultura letrada, entre os quais o uso de referências a exemplos e autores estrangeiros. Para usar uma terminologia gramsciana que ainda me parece adequada para descrever esse grupo: eles constituem os “intelectuais orgânicos” do operariado.

A seleção de determinadas referências ao invés de outras é um aspecto que merece reflexão. Diversas hipóteses podem ser aventadas para explicar esse processo, entretanto, são sempre de difícil demonstração. Há fatores que certamente são

⁴ Cf. Georges Haupt, *La Deuxième Internationale, 1889-1914: étude critique de sources, essai bibliographique*, Paris/Haia: Mouton, 1964, pp. 102-3, 148.

⁵ Ambos os documentos foram publicados em Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall, *A classe operária no Brasil, 1889-1930: documentos*, vol. 1, *O movimento operário*, São Paulo: Alfa-Omega, 1979, pp. 26-32.

determinantes, a exemplo, da língua em que esses autores que servem de referência publicaram. Como é sabido no Brasil do século XIX e parte significativa do século seguinte, a língua de comunicação com o mundo é o francês. A tal ponto que causava espanto em mais de um visitante estrangeiro, o peso daquela língua. Louis-Xavier de Ricard, poeta socialista francês, que editou o jornal *Le Sud-Américain* no Rio de Janeiro, em 1885-1886, publica em seu jornal dados sobre as consultas de livros em bibliotecas públicas da corte, nos quais a consulta de títulos em francês vem logo depois das consultas em português e muito à frente das consultas de títulos em outras línguas. Os dados de consultas de obras de acordo com as línguas em que foram escritas para o primeiro semestre de 1885 na Biblioteca Nacional eram os seguintes:⁶

Português	Francês	Inglês	Latim	Árabe	Italiano	Espanhol	Alemão
3739	2568	20	78	6	9	5	3

Esse quadro na Biblioteca Nacional se manteve inalterado no início da década seguinte, segundo levantamento realizado por Tania Bessone⁷, ainda que chame a atenção a diminuição no número de consultas se comparado ao ano de 1885.

Livros por língua consultados na Biblioteca Nacional

Ano/Língua	Português	Francês	Inglês	Outros
1891	1.020	551	46	43
1892	807	474	30	30
1893	798	614	23	32
1894	562	526	28	45

Há casos, porém, de bibliotecas especializadas, como a da Escola Politecnica, em que a consulta a obras em francês supera a de obras em português.⁸ O crescimento do peso do inglês e, em menor grau, do alemão no início do século XX, não representou uma ameaça imediata ao predomínio do francês como principal língua estrangeira.

⁶ Louis-Xavier de Ricard, “Le Sud-Américain – Statistique de Rio de Janeiro”, *Le Sud-Américain*, Rio de Janeiro, 2 (28), 10/01/1886, p. 1.

⁷ Cf. Tania Maria Bessone, *Palácios dos destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional (col. “Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa”, 11), 1999, p. 106.

⁸ *Ibid.*, p. 105.

A ligação com a França representava mais do que o simples uso instrumental de uma língua de comunicação com o mundo, era uma adesão a aspectos e a valores da cultura francesa, como percebeu Georges Clemenceau ao visitar o Brasil, em 1910, e ser recebido no Senado com um discurso proferido em francês pelo presidente da casa, Quintino Bocaiúva:

“Na emoção de sua palavra quando ele evoca a autoridade moral da França, o sentimos estreitamente ligado à Revolução Francesa. Assim estamos em plena comunhão de espírito e de coração na grande corrente de pensamentos e de sentimentos que conduz os povos às formas superiores de justiça e de liberdade. É a França ainda que eu vou encontrar no Brasil...”⁹

Essa realidade é percebida pelos jornais voltados para os trabalhadores, assim em meio aos diversos discursos propugnando a educação técnica e formal do operariado, não falta também a percepção de que o aprendizado de língua estrangeira, isto é, do francês constituía uma necessidade. A percepção desse conhecimento de uma língua estrangeira para ter acesso ao mundo não era nova, ela já era expressa no jornal *O Artista*, de 1870:

“A instrução geral de que precisa [o artista] é: saber ler, escrever e contar; conhecer uma língua estrangeira (1) para poder estudar a parte técnica de sua profissão, e acompanhar os progressos que esta faz nos outros países; que possa apreciar o movimento político do país; ajuizar do valor das leis que se decretam e o dos homens incumbido de confeccioná-las, de julgar segundo elas, e de fazê-las executar.”¹⁰

A o texto da nota da passagem acima tornava ainda mais claras as razões para isso:

“Em nosso país é preciso que conheça uma língua estrangeira, pois que não há em língua portuguesa obras escritas sobre as artes e a indústria e nem tampouco periódicos que se ocupem desse assunto.”¹¹

A presença de uma esmagadora maioria entre as referências a autores estrangeiros de franceses nas páginas *O Artista*, bem como nas dos seus congêneres, não deixa dúvida que por língua estrangeira entendia-se o francês.

De início as referências explicitamente políticas ao estrangeiro são mais raras, e quando ocorrem são politicamente moderadas. Os autores estrangeiros e situações políticas no exterior mencionados nos jornais voltados para os trabalhadores no período

⁹ Georges Clemenceau, *Notes de voyage dans l'Amérique du Sud : Argentine – Uruguay – Brésil*, Paris: Hachette, 1911, p. 210.

¹⁰ “O artista”, *O Artista*, Rio de Janeiro, 3 (1), 27/11/1870, p. 1. A ortografia e a acentuação foi atualizada em todas as citações.

¹¹ *Ibid.*

que precede à década de 1890 limitam-se à literatura (Lafontaine, Victor Hugo, E. T. A. Hoffmann, Lord Byron, Eugène Sue, Charles Deslys), à cultura clássica (Aristóteles, Sócrates, a mitologia grega) aos filósofos iluministas (Voltaire, Rousseau) e a republicanos oportunistas da terceira república francesa (Jules Simon, Eugène Pelletan). Uma exceção fica por conta de *O Socialista*, do Rio de Janeiro, jornal ligado ao clube de mesmo nome, que, a despeito de sua relativa moderação política, publicou notícias elogiosas sobre Max Hödel e Karl Nobiling,¹² que promoveram tentativas de assassinato contra o Imperador Guilherme I da Alemanha. Os sobrenomes dos dois frustrados regicidas foram inclusive adotados como pseudônimos pelos articulistas do jornal, que mantinham o anonimato. Não há elementos para atribuir ao jornal uma afinidade com o socialismo do tipo que seria promovido pelo SPD alemão, como sustenta Lincoln de Abreu Penna na trilha de Evaldo da Silva Garcia.¹³ Um dos raríssimos artigos assinados no jornal, o “Evangelho socialista”, pelo escritor Ernesto Castro (que também figurava entre os colaboradores do *Jornal das Famílias*¹⁴), proclama sua adesão aos princípios de 1789.¹⁵ Há, sem dúvida, menções ao SPD e aos seus sucessos eleitorais ao falar do quadro da Alemanha e dos casos de Hödel e Nobiling, mas que não bastam para demonstrar uma adesão ao ideário daquele partido. A referência mais próxima de um autor socialista nesse jornal é Saint-Simon, que aparece associado a Rousseau na seguinte passagem:

“Rousseau, fundamentando no seu Contrato Social a doutrina socialista resumiu-se em uma proposição: Todo homem tem direito a tudo que lhe é necessário; Saint Simon, afirmando a verdade da grande doutrina filosófica, afirma:

A cada um segundo sua capacidade, a cada capacidade segundo suas obras.

Nestas duas proposições estão consagrados dois grandes princípios: 1º A negação da extrema desigualdade social; 2º A supressão da hereditariedade na família.”¹⁶

¹² “Nobiling”, *O Socialista*, Rio de Janeiro, 1 (1), 20/07/1878, p. 2; “Um grande exemplo”, *O Socialista*, 1 (3), 3/08/1878, pp. 1-2.

¹³ Cf. Lincoln de Abreu Penna, *Imprensa e política no Brasil: a militância política do proletariado*, Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 11 n. 7; pp. 23-4.

¹⁴ Cf. Alexandra Santos Ribeiro, *Para além da amenidade: o Jornal das Famílias (1869-1878) e sua rede de produção*. Tese de doutorado, Campinas: UNICAMP/Instituto de Estudos da Linguagem, 2007, pp. 70, 271.

¹⁵ Cf. Ernesto Castro, “Evangelho socialista”, *O Socialista*, 1 (7), 31/08/1878, p. 2.

¹⁶ “O Socialista: Questões de doutrina”, *O Socialista*, 1 (7), 31/08/1878, p. 1.

A referência a exemplos internacionais ou a autores estrangeiros não necessariamente significava a adesão a um modelo ou declaração pública de uma filiação ideológica, podia ser uma mera ilustração de uma dada situação. Referências à mitologia e à história greco-romanas, a filósofos ou a literatos podiam servir apenas como demonstração de domínio sobre certas convenções da cultura letrada, particularmente importante no século XIX, quando os esforços da militância operária voltavam-se para a valorização do trabalho manual e a obtenção de reconhecimento social. Isso talvez explique que quase todos os jornais dirigidos ao operariado, nos anos 1870, voltavam-se para questões literárias, instrutivas e culturais e deixavam isso explícito em seus subtítulos: literário, instrutivo, recreativo.¹⁷ Entretanto, não devemos descartar que a insistência em objetivos culturais e literários fosse uma maneira de evitar eventuais problemas com as autoridades e uma forma de prudência política. Afinal, *O Socialista* do Rio de Janeiro, um dos únicos a explicitar questões de natureza política, a despeito de seu subtítulo igualmente pouco ameaçador (Órgão de um club, jornal politico, chistoso e commercial), viu seus vendedores serem submetidos a todo tipo de arbitrariedade por parte da polícia da corte e depois dos artigos simpáticos a Hödel e a Nobiling, o Club Socialista que representava viu-se na obrigação de emitir uma nota distanciando-se de qualquer apoio ao magnicídio.¹⁸

Referências a autores estrangeiros eram tão frequentes nas páginas dos jornais operários das últimas décadas do oitocentos que sua ausência chama a atenção para alguns casos. Na corte a *Gazeta Operaria*, órgão dedicado especialmente aos interesses dos artistas e operários, publicado em 1881, fazia apenas referência eventual a Rousseau. Entre 1884 e 1885, a *Gazeta Operaria*, segunda época, possível continuação do periódico precedente, que trazia agora como subtítulo Órgão proletário do Rio de Janeiro, e deixava claro ser propriedade do tipógrafo J. F. da Veiga, criticava o governo, denunciava a arbitriedade policial, fazia menções ao socialismo e à eventualidade de uma

¹⁷ Por exemplo: *O Typographo*, Jornal litterario e instructivo, Desterro, 1872; *O Trabalho*, Órgão typographico, jornal litterario e noticioso, São Paulo, 1876-1877; *O Proletario*, Hebdomadario artistico, litterario e recreativo, Rio de Janeiro, 1877-1878 (que mudaria depois para Órgão dos operarios, critico litterario e recreativo); *O Trabalho*, Revista historica, litteraria e scientifica de artes e officios, exclusivamente consagrado aos interesses das classes operarias, Rio de Janeiro, 1879; *O Operario*, Periodico litterario e noticioso, Desterro, 1881; *O Trabalho*, Periodico noticioso e litterario, Sorocaba, 1882; *Typographo*, Órgão litterario, Desterro, 1888.

¹⁸ “Cidadãos” *O Socialista*, 1 (6), 24/08/1878, p. 2; “Gazetilha: protesto”, *O Socialista*, 1 (7), 31/08/1878, p. 3.

revolução, porém praticamente não continha nenhuma referência a autores que tivessem se debruçado sobre esses temas. Os únicos autores estrangeiros que constavam regularmente de suas páginas eram os que assinavam os folhetins publicados. Um deles era Félix Bodin, cujo *Resumo da história inglesa* foi publicado em capítulos. A despeito da propaganda que esse autor fazia do ensino mútuo, das caixas de poupança, dos montepios e dos asilos, a publicação de sua obra dificilmente poderia ser considerada uma referência política explícita. A única referência mais explícita, ainda que sob a forma de uma notícia neutra, foi uma pequena nota sobre a morte do “notável socialista francês” Jules Vallès.¹⁹ Uma possível explicação para a ausência de referência a autores com conotação claramente política é a conjuntura da primeira metade dos da década de 1880, marcada pela repressão que se seguiu à Revolta do Vintém, pelo arrefecimento da atividade oposicionista e por episódios de limitação à atividade da imprensa como o assassinato em 1883 do redator do jornal *O Corsario*, Apulcro de Castro.²⁰

Nos anos 1890, as referências políticas se tornaram freqüentes e listas de autores, nem sempre compatíveis entre si, proliferam nas indicações para leitura feitas pelos jornais. Encontramos tais listas em jornais como *A Questão Social* de Santos ou *O Socialista* de São Paulo²¹. Nelas constam, quase sempre em francês, no caso daquelas que não foram originalmente escritas em português, obras dos seguintes autores: Karl Marx, Friedrich Engels, August Bebel, Paul Lafargue, Gabriel Deville, Ferdinand Lassalle, Benoît Malon, Jules Guesde, Sebastião Magalhães Lima, César De Paepe, Panayotis Argyriadès, Filippo Turati, Enrico Ferri, Cesare Lombroso, Oliveira Martins, Eugenio George, e mesmo Edmondo De Amicis. Nas listas dos dois jornais os únicos nomes repetidos são os de Marx e Malon. Todavia, há uma evidente diferença entre essas sugestões aparentemente heterogêneas de leituras, ainda que todas dentro do campo do socialismo, e a orientação que prevalece nos jornais. Ambos expressam a leitura dominante no Brasil do socialismo entre os últimos anos do século XIX e primeiros anos do século seguinte, também presente em outros periódicos como *Echo Operario* (1896-1899, 1901) de Rio Grande, a *Aurora Social* (1901-1907) do Recife ou a *Gazeta*

¹⁹ “Julio Vallès”, *Gazeta Operaria*, 2ª época, 2 (8), 19/02/1885 p. 3.

²⁰ Sobre esse episódio ver June E. Hahner, *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil, 1870-1920*, trad. de Cecy Ramires Maduro, Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993, pp. 72-4.

²¹ “O Centro Socialista recommenda a leitura dos livros desta lista e que são encontrados em sua bibliotheca”, *A Questão Social*, Santos, 1 (3), 15/10/1895, p. 8; “Pela instrução”, *O Socialista*, São Paulo, 3 (68), 14/08/1898, p. 4.

Operaria (1902-1903, 1906) do Rio de Janeiro; leitura capaz de juntar Marx e Malon, sob a ótica de Ferri, como indica a passagem abaixo que atribui ao socialismo científico a seguinte filiação:

“Os inspiradores desta concepção positiva do socialismo foram Carlos Marx, Fernando Lassalle, Frederico Engels, Benoît Malon.”²²

Não faltam exemplos de amalgamas de autores e teorias contraditórios nas páginas da imprensa operária. O jornal *O Trabalho*, órgão do Partido de Operários e Artistas do Pará, que circulou entre 1901 e 1904, fazia referências a anarquistas como Jean Grave e Neno Vasco, mas também a Marx, Malon, Deville, Jaurès.²³

Convém, porém, ressaltar que essa junção de autores diversos não pode ser atribuída à confusão ideológica vigente nos trópicos, àquilo que José Murilo de Carvalho batizou de “maxixe do republicano doido”²⁴ ao tratar das correntes ideológicas na capital federal na última década do século XIX. Foram provavelmente os socialistas italianos do Partido Operário Italiano, 1880-1890, que estaria na origem mais tarde com outras organizações do Partido Socialista Italiano, os primeiros a estabelecer o binômio Marx e Malon.²⁵ Portanto, não há originalidade na interpretação brasileira, já que encontra paralelo em outros contextos. O contato próximo entre José Ingenieros e vários dos colaboradores dos jornais socialistas mencionados acima, particularmente com a redação de o *Echo Operário*, torna plausível que Ingenieros tenha sido um dos difusores dessa concepção no Brasil²⁶. Filho de Salvatore Ingegneros Napoletano, com quem Malon colaborara durante seu exílio italiano nos anos 1870 no jornal *Il Povero* de Palermo, Ingenieros conhecia de perto as concepções vigentes entre os socialistas italianos.

Os autores citados e o peso de cada um deles nos jornais operários da última década do XIX e os dos primeiros anos do século XX, têm uma dupla função: servem de argumento de autoridade à medida que são citados no contexto de determinados

²² “Socialismo Científico”, *O Socialista*, 3 (62), 3/07/1898, p. 1.

²³ Cf. Vicente Salles, *Marxismo, socialismo e os militantes excluídos. Capítulos da história do Pará*. Belém: Paka-Tatu, 2001, pp. 79-82.

²⁴ José Murilo de Carvalho, *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 24.

²⁵ Sobre Malon e o socialismo italiano ver Letterio Briguglio, *Benoît Malon e il socialismo in Italia*, Pádua: Centro per la Storia del Movimento Operaio nel Veneto/Tipografia Antoniana, 1979. Sobre o Partido Operário Italiano ver Maria Grazia Meriggi, *Il Partito Operaio Italiano. Attività rivendicativa formazione e cultura dei militanti in Lombardia (1880-1890)*, Milão: Franco Angeli, 1985.

²⁶ Cf. Margar [pseud. de Mariano Garcia], “Capital Federal (Correspondencia)”, *Echo Operario*, 3 (98), 7/08/1898, p. 3; Benito Bisso Schmidt, *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*, Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000, pp. 77-8.

argumentos e, ao mesmo tempo revelam uma afinidade política entre aqueles que os citam e os autores citados. É evidente que a compreensão e conseqüentemente o uso feito dos autores citados é muitas vezes parcial e até distorcida. Por exemplo, à medida que poucos liam alemão, o socialismo alemão e particularmente as obras de Marx e Engels, chegaram ao Brasil em traduções francesas e muitas vezes por meio de vulgarizadores, que ofereciam versões simplificadas das obras originais, caso do popular resumo do *Capital* de Gabriel Deville, *Le Capital de Karl Marx, résumé et accompagné d'un aperçu sur le socialisme scientifique*, (Paris, 1883). Ainda, que a compreensão do original estivesse comprometida isso não muda o fato de que Marx fosse relativamente conhecido e citado no Brasil, mesmo que fosse o Marx de Deville. O que, aliás, não é muito diferente da situação francesa e de outras.

Há, ainda, outras situações em que a referência internacional desempenha um papel, um deles é para possibilitar a comparação. O discurso em torno do “atraso” do operariado brasileiro, quando confrontado ao caráter “adiantado” de seu congêneres europeu, foi recorrente no movimento operário brasileiro desde os seus primórdios. Essa comparação entre Europa e Brasil não raro acaba por tornar-se uma comparação entre o operariado nacional e o imigrante estrangeiro. A comparação aparece de forma implícita em passagens do já mencionado relatório redigidos pelos operários de língua alemã e enviados ao Congresso da Internacional Socialista de 1893, em Zurique. Para tornar-se explícita no relatório enviado pelo mesmo grupo ao Congresso da Internacional Socialista de 1896, em Londres, com momentos que pouco ficam a dever a Louis de Couty.

“Nós nos encontramos portanto num país dotado, como poucos, de tantas riquezas naturais, mas cujo povo foi infelizmente durante muito tempo submetido a um clero despótico, e guarda ainda a lembrança da escravidão. O povo é incapaz, a curto prazo, de tomar a iniciativa de uma reorganização política. (...)”

Nessas condições, ninguém ficará espantado se declararmos que o movimento operário brasileiro é dos mais modestos que o movimento operário brasileiro é dos mais modestos, pelo menos segundo as concepções européias. Até uma data recente, a única organização social-democrata em São Paulo era a Associação Geral dos Trabalhadores [Allgemeiner Arbeiterverein] que elaborou o presente relatório. Falando muito concretamente, ela continuava a ser a única, pois as associações social-democratas brasileiras que se formaram aqui e em Santos não podem ser consideradas como verdadeiras organizações

operárias, apesar de seus líderes, saídos da burguesia esclarecida, se esforçarem por difundir as idéias socialistas no povo.”²⁷

A comparação aparece de forma explícita sob a pluma do médico socialista baiano, radicado em São Paulo, Estevam Estrella, que chega a estabelecer uma hierarquia entre os trabalhadores nacionais e os de diferentes origens de imigrantes. Essa comparação, nos limites do racismo, faz descrições pouco lisonjeiras de todos os grupos, com exceção dos alemães, aos quais atribui virtudes organizativas únicas, fruto certamente da impressão causada sobre o autor da experiência da *Allgemeiner Arbeiterverein* de São Paulo. A título de exemplo, vejamos apenas as descrições do proletariado nacional e os de origem alemã:

“O elemento proletario nacional é composto de pretos (ex-escravos), mulatos, mestiços e mamelucos. Este elemento é abundante nos Estados do Norte do Brazil, isto é, da Bahia até o Amazonas.

(...)

O atavismo do chicote e o aviltamento moral causado pelos horrores da escravidão são fatores poderosos que atuam sobre a educação cívica da massa proletaria, desta *canalha* sem brio, da ralé, *la prebaglia*, como lhe chama a burguesia em geral.

O operariado nacional é completamente indolente e por muitos anos quiçá... não entrará em luta consciente com os seus opressores.

(...)

O alemão avulta mais nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e S. Paulo. Devido à raça e lingua, torna-se um povo reconcentrado, sóbrio.

Gente muito boa, costumes nobres, porém demasiadamente frios, verdadeira antitese com os latinos.

Mesmo assim o operariado alemão em qualquer parte que esteja, forma grupos e faz a propaganda do socialismo - marxista.”²⁸

Estrella estava longe de ser um caso isolado ao traçar esse quadro, como podemos ver no diagnóstico feito pelo tipógrafo português Mota Assunção:

“... a Republica encontrou aqui um proletariado atrasadissimo, a um ou dois seculos de distancia do proletariado europeu. Na parte indigena – pretos, mulatos e brancos – predominava a subserviencia da escravidão, abolida havia um ano; porque os habitos e tradições

²⁷ Pinheiro e Hall, *op. cit.*, pp. 31-2.

²⁸ Estevam Estrella, "Republica Social V", *Aurora Social*, 1 (16), 15/12/1901, p. 2.

daquele nefasto regime não se limitava às suas presas diretas: refletiam-se como ainda hoje se refletem, sobre todos os que trabalham para outrem.”²⁹

Voltemos, ainda, ao aspecto já mencionado da referência internacional como modelo, que por vezes pode ser confundido com a comparação, afinal a comparação entre a classe operária “atrasada” e a “avançada”, implicitamente adota essa última como paradigma. Entretanto, a adoção do modelo de referência aparece de forma mais acabada quando é explicitado, torna-se um tipo ideal. Um dado modelo de organização partidária ou de estrutura sindical que servem de inspiração e de horizonte para os militantes brasileiros.

Um dos casos mais curiosos de uso de um autor estrangeiro para legitimar posicionamentos políticos foi protagonizado por dirigentes da Associação Gráfica do Rio de Janeiro em 1920. No processo de preparação para o 3º Congresso Operário Brasileiro, a realizar-se de 15 a 20 de abril de 1920, a AGRJ elaborou um conjunto de teses a serem apresentadas, sob o título “Neutralidade sindical”. Em linhas gerais as teses sustentavam que toda política partidária deveria ficar fora dos sindicatos, entendendo por política partidária não apenas aquela originada de partidos políticos, mas também a política de correntes ideológicas como o anarquismo. Essas teses e diversos artigos publicados no jornal da associação, *O Graphico*, levavam a crer que essas posições provinham do professor de filosofia francês, Félicien Challaye, no seu livro amplamente citado pelos gráficos cariocas *O Sindicalismo: o sindicalismo revolucionário, o sindicalismo reformista*, na tradução portuguesa de 1912.³⁰ No entanto, Challaye não era um teórico do sindicalismo. Na realidade seu livro era um texto informativo sobre as duas correntes dominantes no sindicalismo Frances, com diversas citações de representantes dessas correntes. As citações do livro, supostamente do próprio de Challaye de acordo com a AGRJ, eram na realidade do socialista Albert Thomas e o próprio título das teses da associação dos gráficos cariocas para o 3º Congresso “neutralidade sindical” foi extraído

²⁹ Mota ASSUNÇÃO, "A questão social no Brasil II", *A Vanguarda*, 1 (4), 25/07/1911, p. 1.

³⁰ Félicien Challaye, *O sindicalismo: sindicalismo revolucionário, sindicalismo reformista*, Trad. de Manuel Ribeira, Lisboa: J. Rodrigues Castello (col. “Biblioteca Social Contemporanea”), 1912. A edição original francesa tinha por título *Syndicalisme révolutionnaire et syndicalisme réformiste*, Paris: F. Alcan, 1909.

de artigo de Thomas, citado no livro, publicado na *Revue Syndicaliste* em outubro de 1907. Qual a razão dessa impostura?

As primeiras citações de Challaye em *O Graphico* datam de 1917³¹, portanto muito antes da organização do 3º Congresso estar em andamento. Seu livro é sempre mencionado sem os subtítulos, ou seja, apenas como *O Sindicalismo*, o que propiciava confusão com o livro homônimo do sindicalista revolucionário italiano, Enrico Leone, cuja tradução estava a venda no Brasil.³² Nem a versão original do livro de Challaye, nem tampouco a tradução portuguesa possibilitam ao leitor a confusão entre o texto do autor e as citações de outros a que recorre. Albert Thomas nesse momento tinha se tornado o Ministro do Armamento da França, imersa na Primeira Guerra Mundial, citá-lo, como argumento de autoridade, para sustentar as posições de alguns membros da direção da AGRJ, que tinha os anarquistas na oposição, certamente seria um erro político. Isso evidencia que a impostura é intencional, mas para que funcionasse era preciso que o texto que o livro de Challaye tanto no original, como na tradução fosse um texto razoavelmente desconhecido. Na obra do autor, que mais tarde se tornaria célebre como anticolonialista e pacifista, com diversos livros de sucesso sobre temas como as grandes religiões, as escolas filosóficas, etc., o livro em questão é de importância menor e freqüentemente esquecido nas notícias biográficas sobre ele. Edgard Leuenroth possuía um exemplar da tradução portuguesa em sua biblioteca, mas é possível que na época não se tenha dado conta da impostura ou, quem sabe, preferiu não criar dificuldades para seu irmão João Leuenroth, que presidiu a AGRJ de 1915 a 1918.

Ao longo deste texto procurei explorar as diversas maneiras através das quais a dimensão internacional aparece no discurso do movimento operário brasileiro, particularmente por meio dos jornais, e os variados usos que são feitos dessa dimensão. O aspecto central que pretendi enfatizar é que a dimensão internacional por meio de referências, comparações, modelos, é inseparável do movimento operário no período abordado mesmo quando as ligações orgânicas inexistem.

³¹ “A jornada de oito horas”, *O Graphico*, Rio de Janeiro, (33), 1º/05/1917.

³² “Livros à venda”, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 8 (68), 5/03/1915, p. 4.